

Argentina não confirma moratória e admite que endureceu com bancos

BUENOS AIRES — O secretário da Fazenda da Argentina, Mario Brodersohn, levou mensagem muito importante ao presidente José Sarney e ao ministro da Fazenda, Bresser Pereira, em sua viagem secreta a Brasília há dois dias. Esta mensagem — que, segundo versões não confirmadas, estaria na forma de uma carta do presidente Raúl Alfonsín a Sarney — muito provavelmente se refere a alguma mudança brusca na política argentina para a dívida externa, que poderia ser uma moratória sobre os juros devidos, a exemplo do que fez o Brasil. O porta-voz da presidência argentina, José Ignacio Lopez, não quis confirmar nem negar a possibilidade de uma moratória iminente, mas declarou ao JORNAL DO BRASIL:

— A Argentina está endurecendo nas negociações com seus credores, na medida em que as condições de pagamento da dívida não estão se modificando.

Lopez admitiu que Brodersohn foi tratar de assuntos relativos à dívida externa e à coordenação de posições sobre o tema para o encontro de Acapulco, nos dias 17 e 28, entre oito presidentes latino-americanos. Fontes oficiais ouvidas pelo JORNAL DO BRASIL revelaram que Brodersohn também pode ter levado a Sarney e Bresser Pereira uma série de opções para um acordo em comum dos latino-americanos sobre a dívida, entre elas a divisão entre dívida nova e dívida velha, esta última quitada com juros históricos a níveis de dezembro de 1986, e mecanismos de capitalização dos débitos. Hoje, no Rio de Janeiro, haverá uma reunião de técnicos de alto nível do México, Argentina e Brasil para discutir estas e outras opções.

Fontes diplomáticas revelaram que o envio de Brodersohn foi uma decisão do presidente, mas não quiseram dar maiores detalhes. Uma fonte da embaixada argentina em Brasília negou que a missão tenha participado dos preparativos da visita.

Outras fontes oficiais disseram que, com certeza, a mensagem levada por Brodersohn é muito importante e está claramente relacionada com a dívida, pois o secretário da Fazenda é o principal negociador argentino. Se a mensagem fosse política, seguramente se utilizariam os meios diplomáticos normais.